

H. S. 1865

2

PORTUGAL

E A

GUERRA

MANUAL PARA CRIANÇAS

POR *B.* 69462

D. TOMÁS DE NORONHA



1917

EDIÇÃO DA TIPOGRAFIA LEIRIA & C.^{TA}
62, RUA DA HORTA SÊCA, 70
(ESQUINA DA RUA DAS CHAGAS)
LISBOA



PORTUGAL E A GUERRA

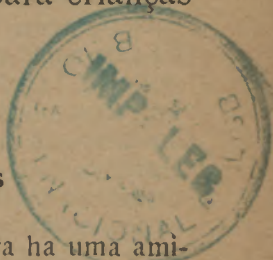
Manual para crianças

Amigos Velhos

Entre Portugal e a Inglaterra ha uma amizade muito antiga. Tem quasi sete séculos; setecentos anos! Durante esta enorme temporada têm as duas nações primado em actos de grande e assinalada lialdade.

Já nos meádos do século XIII, depois dos inglêses se livrarem da tirania do seu rei João sem Terra, no reinado do nosso rei D. Dinís, os portugêses celebraram um tratado de comércio com os valentes bretões. Desde então nunca mais deixou de existir entre os dois povos aquella confiança mútua que, das ocasiões dificeis para qualquer dêles, surgiu sempre mais vigorosa e inabalavel.

E' certo que uma vêz ou outra se não teem entendido bem; mas onde estão os verdadeiros amigos, e até os melhores irmãos, que de vêz em quando não ralhem, não se amofinem?...



Desde quando nos batemos juntos

Ainda em a nossa primeira dinastia, no tempo do rei D. Fernando de Portugal, se estabeleceu um tratado político entre este monarca e o Duque de Lencaster.

E' então, nessa época, e em virtude do mesmo tratado político, que se batem juntos e aliados, pela primeira vêz, portuguezes e inglêses, contra o mesmo inimigo, o rei de Castela, D. Henrique de Trastâmara.

Daí a pouco, no reinado de D. João I, é renovada a aliança entre o mesmo Duque de Lencaster, inglês, e o rei de Portugal. Pelo casamento do mestre d'Aviz com D. Filipa de Lencaster ainda mais se estreitam os laços da amizade entre as duas nações.

Nos mesmos perigos

Primeiro

Portugal enfraqueceu depois, mais tarde. Ele que tinha aumentado a Terra antes conhecida, e que tomára conta das costas da Africa, da Asia e de uma parte da Oceania, êle que chegára á América e colonisára o Brasil, e tudo fizera pela coragem, esforço e prestígio de seus navegantes e conquistadores, veiu a perder algumas das suas colônias, por ter sido sessenta anos governado pela nação sua vizinha, a Espanha.

Foi o caso que, tendo morrido o rei de Portugal, D. Henrique, sem sucessores, entre os pre-

tendentes appareceu um mais rico e poderoso. Este, como era natural, venceu os outros. Portugal perdeu então a sua independencia, não por ser conquistado por outra nação, mas vítima apenas duma intriga dinástica, servida por agentes bem pagos das principais classes sociais. D. Filipe II, então o monarca mais poderoso do mundo, com a gente ambiciosa que governava em Madrid, tudo fizeram para acabar com a o espirito e a energia nacional portugêsa, na ideia de fazer definitivamente de Portugal uma província de Castela.

Mas nem por isso a Inglaterra deixou de apreciar a nossa amizade. E' que a par com o sentimento de lialdade, hà tambem vantagens para os inglêses em terem no continente europeu um país que lhes seja inteiramente dedicado.

¿E os inglêses, que comnosco tinham andado unidos em luta contra os mesmos castelhanos, a quem nós ajudáramos nas pretenções do Duque de Lencaster a Castela, donde agora nos vinha a sujeição e ruina, o que faziam? porque não nos acudiam?

O mesmo Filipe II preparava-se para invadir a Inglaterra, que naquele tempo era ainda um país de poucos recursos. O herdeiro de Carlos V, depois de juntar Portugal aos seus vastos dominios, que eram a America Central, toda a América do Sul, principados na Italia, colonias africanas e várias ilhas no Pacífico, mandou

construir uma armada, á qual deu o nome de *Armada Invencivel*, para conquistar a Inglaterra.

Desta vêz Portugal, dominado pelo mesmo tirano, de nada pôde servir á nação amiga. Por seu lado, a Inglaterra, alarmada pelo conhecimento do que contra ela se planeava em Madrid, não nos pudéra evitar a pêrda da nossa independência.

A boa estrêla da nossa aliada, o Génio daquele povo invencivel, fez com que nesses dias apparecesse a bravura e audacia do almirante Drake.

Drake, logo que teve conhecimento dos preparativos de Filipe II, precipitou-se com a sua esquadra para a baía de Cadiz, e ali destruiu, queimou e afundou duzentos navios transportes, que estavam carregados de viveres e munições para os invasores.

Este golpe ousado impediu que o ataque se realisasse naquele ano. No seguinte, 500 navios, (a tal *Armada Invencivel*), carregados com armamento magnífico, saíram de Cadiz para a conquista da Inglaterra, e a nossa aliada foi salva por um temporal e pela ação da esquadra comandada por Drake, que desbarataram o inimigo.

Assim, aquilo que para os inglêses não passou dum susto, o pesadêlo de pouco mais de um ano, foi para nós sessenta anos de sujeição.

Segundo

Depois de Filipe de Espanha, appareceu outro tirano na Europa. Chamou-se Napoleão Bonaparte, e foi depois, como imperador dos franceses, Napoleão I.

Este grande general e homem de génio, depois de ter conquistado quasi toda a Europa, na ideia de deixar a Inglaterra isolada e sem recursos, para melhor se assenhorear dela, ordenou a todas as potencias continentais que fechassem os seus portos aos navios inglêses. O comércio com as ilhas britannicas era proibido.

Qual foi a nação que se recusou a entrar neste bloqueio continental?

Qual o povo que não obedeceu á ordem de Napoleão I?

Este acto de lealdade praticou-o Portugal e bem caro lhe custou. Para nos castigar, Napoleão I mandou invadir Portugal por três vêzes.

Portuguêses e inglêses tornam a bater-se juntos e aliados

Não tardou que os inglêses reconhecessem a firmeza da nossa lialdade, e daí o virem auxiliar-nos a expulsar as tropas de Napoleão da nossa terra querida.

Foi o Duque de Wellington o general inglês que, á frente de portuguezes e inglêses, sacudiu para sempre de Portugal o jugo napoleônico.

Napoleão I não se contentára com o castigo dado a Portugal; como o rei espanhol, tambem quis conquistar a Inglaterra. Pensára que seria facil aproveitar alguma noite calma e de nevoeiro e na manhã seguinte marchar em direcção a Londres.

Na costa fronteira, em Bolorha, via-se o

enorme acampamento das tropas do imperador, com centenas de embarcações e jangadas, aguardando a liora propícia para atravessarem o canal que separa a França da Inglaterra.

As esquadras francêsa e espanhola haviam-se unido para proteger e auxiliar a travessia do Canal e o desembarque das tropas do tirano nas Ilhas Britânicas.

Napoleão chegára mesmo a mandar cunhar uma medalha, datada de Londres, comemorando a conquista da Inglaterra; mas, assim que Nelson, essa figura imorredoura da história da humanidade, teve conhecimento do que estava para acontecer, pôs-se com a esquadra inglêsa de que era comandante á procura do inimigo. Dispôs-se a um ataque como o de Drake, mas o inimigo evitou-o, fâzendo-se ao mar sem ser visto.

Nelson porém não desistiu. Logo que teve noticia do lugar provavel onde se encontravam as esquadras espanhola e francêsa reunidas, correu para lá com os seus navios, encontrando-as nas alturas do Cabo Trafalgar. Aí realisou Nelson um ataque tão audacioso e violento que, destroçando e destruindo as esquadras aliadas, salvou a patria, morrendo por ela, durante o combate. Gloria a Nelson!

Sem as esquadras tornava-se impossivel a Napoleão o desembarque nas costas da Inglaterra, sendo este país uma ilha e estando os navios inglêses e os seus lobos do mar prontos para a defender. Foi então que tentou o bloqueio.

Terceiro

Chegamos enfim á hora presente, quando Guilherme II imperador da Alemanha desencadeia a luta colossal, em que viriam a tomar parte o Velho e o Novo Mundo.

Logo no começo das hostilidades a Inglaterra viu claro, até onde chegaria o golpe que parecia dirigir-se apenas para os estados vizinhos da Alemanha e da Austria, se em tal arremêso a Alemanha fosse bem sucedida. Os inglêses compreenderam bem que, vencidas a França e a Rússia, dominada a Belgica, os alemães não parariam mais. Sabiam que o seu fim principal vinha publicado desde há anos em jornais, revistas e brochuras, e que era nem mais nem menos do que a destruição da supremacia marítima e colonial inglêsas.

O partido militar e o partido colonial alemães de mãos dadas o haviam dito e escrito, e o pan-germanismo, o mundo todo alemão, ás ordens dos alemães, ou, como eles dizem, a Alemanha sobre tudo, em toda a parte, *ueberall*, era a constante preocupação da Alemanha imperialista

As colônias portugêsas

Já muito tempo antes da guerra se pedia da Alemanha um lugar ao sol.

Este pedido era feito á Inglaterra. O lugar ao sol que os alemães queriam era a maior parte das nossas colônias. Chamavam-lhes um lugar ao sol, contrapondo á Africa ao seu país brumoso e frio.

O sr. Visconde de Grey, a esse tempo ministro dos negócios estrangeiros em Inglaterra, empregou toda a sua habilidade em demorar a satisfação desse pedido. O grande homem de estado, sob uma forma vaga tão própria do seu espirito cauteloso, foi-se deixando levar pela ameaça alemã, sem todavia fixar nada de concreto acêrca da insistência germânica: a divisão das colônias portuguezas.

Os alemães tambem pretendiam o Congo Belga.

Não faltou em Inglaterra quem desejasse satisfazer a vontade á Alemanha. Supunham esses que, enquanto o tigre alemão se entretivesse com o osso das colônias portuguezas, deixaria as inglêsas em paz. O govêrno inglês porém, é que se não deixou iludir a tal ponto. Demais sabiam os inglêses que, quanto mais crescesse a fêra, mais facilmente depois os enguliria.

Quando correram verdadeiro risco

Estas negociações para levarem a Inglaterra a consentir na partilha das colônias portuguezas tiveram um momento grave.

Foi este, quando a Alemanha nomeou seu ministro em Londres o Barão de Marshall, espirito autoritário e impetuoso, sempre escolhido para os lances violentos. Por ocasião da sua partida para a capital do Reino-Unido houve muito quem julgasse em perigo o nosso domínio colonial.

Mas o Barão morreu pouco tempo depois, antes de rialisar a sua obra, e o Congo Belga

continuou a ser dos belgas, Angola e S. Tomé dos portugueses.

A Alemanha, vendo que a Inglaterra não anuía á divisão das nossas colónias, senhora das suas forças, estava anciosa por um pretexto que lhe permitisse lançar a mão ao que era e é pecúlio dos fraecos.

Se em plena paz lhe não davam o Congo Belga, Angola e S. Tomé, após a guerra, victoriosa, ela exigiria, além do que conquistasse na Europa, mais estes impérios africanos.

Se os seus diplomatas não tinham conseguido vencer a tenacidade macia do govêrno inglês em manter os direitos das pequenas nações, os seus marechais talhariam ainda mais largo território para a Alemanha.

Com este intuito era certo que os alemães agarrariam pelos cabelos o primeiro ensejo que se lhes deparasse para fazerem a guerra.

O rastillo forneceu-o a Austria, declarando a guerra á Sérvia, por esta não aceitar a sua humilhação até ao extremo de abdicar da sua dignidade nacional. Todos sabiam que a Rússia acudiria á Sérvia A entrada da Rússia no conflito arrastaria outros povos, seus aliados. A conflagração surgia. As nações da *entente*, a Inglaterra e a França, principalmente, empregavam todos os meios suasórios no sentido de afastar a catastrophe, mas a Alemanha, o *Kronprinz*, os marechais, não podiam perder mais esta occasião que se lhes deparava excelente.

A mobilisação começou, e a Bélgica, violado o seu território, criou o dever á Inglaterra de

intervir, em harmonia com a letra da convenção que assinara e em que se garantia a sua neutralidade.

A Inglaterra foi sempre pelas pequenas nacionalidades

A' Inglaterra convém a permanência de pequenas nacionalidades na Europa. A sua política externa, quando dirigida por grandes homens de Estado como Palmerston e Disraeli, nunca perdeu de vista esta necessidade para a sua existência tranquila.

Nação liberal e progressiva, muito mais interessada no fomento das suas indústrias e comércio, do que em aventuras guerreiras, tem feito sempre, pela direcção dos seus homens públicos, todo o possível para evitar a formação desses impérios monstruosos que, perturbando a vida das nações continentais, acabaram sempre por investir contra ela. Cedeu o reino de Hanover, que hoje faz parte do imperio alemão, só para não se ver envolvida nas frequentes luctas continentais. Declinou a sua entrada na Santa Aliança, enfraqueceu-a com a sua diplomacia habil, porque a união da Austria, Rússia e Prússia sob a mão de ferro de um ministro ultra-conservador, (Metternich), lhe pareceu bom campo para novas tentativas imperialistas.

Com efeito, é desta época a invasão austríaca na Itália, e o engrandecimento da Prússia á custa dos pequenos estados da Europa central.

A Grã-Bretanha foi sempre inimiga-nata dos

grandes impérios, e, assim como castigou duramente os seus tiranos lá dentro, também no exterior lhes promove a sua ruina.

Não é de agora a sua política a favor dos direitos dos pequenos povos, dos seus movimentos de emancipação.

Tem procedido sempre assim. Por conveniência própria? Já o dissemos; mas também por aquele sentimento de bondade que não sei se é profundo quando aflora com grande facilidade no coração deste povo.

Estando a Inglaterra com as pequenas nacionalidades e sendo nós uma nação pequena, isto bastaria para a preferirmos aos impérios absorventes, se ela não fosse a nossa velha aliada.

Lembram-nos ás vezes o seu *ultimatum* de 1891, a propósito de uma questão sul-africana. Mas então, quem governava em Londres eram os conservadores, os imperialistas, espiritos de conquista, como mais tarde se mostraram na guerra transwaliana contra os boers.

Eram os Metternichs, os Betheman Hollwegs ingleses daquele tempo; eram o marquês de Salisbury, Chamberlain e Cecil Rhodes. Hoje os estadistas inglêses o que desejam, é o desenvolvimento e progresso pacifico da grande associação de estados que se chama o Império Britânico.

E é esse grande conjuncto que faz o elogio da administração inglêsa, pois que na hora presente, tão propícia a movimentos insurreccionais, nem um só aparece na órbita do grande impé-

rio, espalhado por todo o mundo. Ao contrario, de toda a parte veem elementos para a salvação da pátria comum.

Dizem os últimos comunicados que o Kaiser ditou o ódio aos inglêses, recomendou-o aos officiais que se defrontam com as tropas de Haig. Que bem se comprehende este ódio! O Kaiser lembra-se da tenacidade inglêsa, dos recursos inexgotaveis desse inimigo, e, sobretudo, da visão politica dos seus homens de Estado que são como os homens de negócio a quem é dilicil enganar. Lembra-se de Wellington e de Napoleão.

Porque entrou Portuga! na guerra

Vejamos agora se Portugal entrou na guerra sómente em virtude do tratado de aliança com a Inglaterra. E' claro que um tratado é um contracto feito entre duas nações a que, sem deshonra, nenhuma delas pode faltar. Não sofre o animo dos portugêses faltar á palavra dada, oralmente, quanto mais posta em escritura solene. Portugal tinha pois, de cumprir os seus compromissos, logo que a sua aliada lhos invocasse. Mas o que dirieis vós se um homem armado e forte não deixasse roubar um seu companheiro fraco e arruinado, incorrendo por isso no odio do salteador, e se o que fôra salvo, embora com as suas limitadas forças, não corresse para o lado do amigo, quando por causa desse odio o visse em luta com o mesmo malfetôr?

Este seria o triste papel representado pelos portugêses, se não tivessem posto, como puse-

ram, espontaneamente, todo o seu esforço ao lado da Inglaterra.

Não é já uma galante retribuição da vinda das tropas britânicas á península para nos ajudarem a expulsar as tropas de Napoleão; não é também o não darmos agasalho á idéa vil de faltar á fé do contracto (tratado de aliança entre as duas nações): é prestarmos a nossa assistência a quem não transigiu com o roubo das nossas colônias.

Se Portugal resistiu ao bloqueio de Napoleão contra a sua aliada secular, e ela nos veio depois auxiliar a sacudir o jugo das suas hostes, também a Grã-Bretanha resistiu á ameaçadora cubiça alemã contra as nossas colônias, e por isso a devemos ajudar na luta travada contra o inimigo comum.

Os portuguezes possuem um vasto império colonial, confinante nos seus pontos principais com as colônias inglêsas. Entretanto nenhuma das partes desse império chegou ainda a um tal desenvolvimento que lhe garanta a sua integridade e defesa. Para se manterem sob a bandeira das quinas, livres da ambição de qualquer nação poderosa, precisam do apoio naval da Grã-Bretanha.

São as esquadras inglêsas, espalhadas pelos mares do globo, que nos vedam as costas de alem-mar ás pretensões dos outros povos.

Já pensastes alguma vêz o que seria das colônias portuguezas, se em Londres tivessem deixado o pulso livre á Alemanha? O que fizeram aos belgas, sem respeito pelos tratados nem por

aquilo que era deles, sua propriedade, aqui no centro da Europa, ha quanto o teriam praticado com as nossas colônias? Vontade não lhes faltou.

A que devemos a nossa existência independente? Aos nossos exércitos, ás nossas esquadras? E' claro que não. Portugal existe, pelo respeito que a maioria dos povos consagra ao direito e á justiça; quer dizer pela repugnância desses mesmos povos ao roubo cobarde, praticado contra quem seja inferiôr em fôrças e armamentos.

Agora quereis conhecer quem não atende a essa justiça, quem não quer saber do direito de propriedade, quem entende que só os dominadôres teem direitos, restando aos fracos apenas a servidão?

São os mesmos que chamam aos tratados pedaços de papel, são os malfeitores sem escrúpulos, para os quais a palavra dada, a fé do contracto, só persiste, emquanto não haja vantagem em a pôr de parte e força para aguentar as consequencias do perjurio.

Estão no primeiro caso, acatando os bons costumes da humanidade, permitindo a cada um a posse do que é seu, desejando a liberdade, a Inglaterra, a França, a Itália, a Rússia, a Bélgica, a Sérvia, a România e por último os Estados Unidos da América do Norte com quasi todas as repúblicas americanas.

Estão no segundo os impérios centrais acorrentados á Alemanha.

O povo português foi espontaneamente, sem

reflectir, de alma e coração, para o lado dos aliados. Atirou-se de súbito, apaixonadamente, ainda sem ver o que significava esta luta, logo no seu começo, aos primeiros tiros, para os braços dos que não querem ver subvertida a moral, postergado o direito do actual estado de civilização. Adivinhou o que lhe convinha, mas não calculou a conveniência.

O seu carácter honesto fê-lo pensar simplesmente: "Visto que ha esse contracto, não ha remédio senão cumpri-lo." O contracto é a aliança anglo-lusa; e aquelas palavras foram repetidas em todo o país pelos que iam abandonar as suas casas, as suas familias e os seus trabalhos habituais, para se apresentarem ao serviço militar.

Com efeito, só pelo direito e pela justiça se podem manter as nações pequenas, e, quando surge o tirano para dominar com a sua gente, recusando aos outros a existência livre, sejam êles Filipe II, Napoleão I ou Guilherme II, é necessário derrubá-los.

Se o roubo, a violação, a indiferença pela dôr, morte e destruição, causadas sómente na ancia de roubar, na febre estúpida de ter mais, de ter tudo, pudessem substituir por completo as máximas, os preceitos solenes que os costumes gèraram, e que a humanidade foi fixando em leis para tornar mais amplo e geral o seu bem estar, então voltariam os povos aos tempos antigos de escravidão. Tornaria a sociedade a compôr-se apenas de senhores e escravos.

Ora é justamente a possibilidade deste regresso que os aliados combatem, lutando contra a Alemanha e seus companheiros, a Austria-Hungria, a Bulgária e a Turquia.

Ao passo que os alemães atacaram, impelidos pela ambição de terem mais territorios, de aumentarem a sua riqueza; os aliados lutam para manter a sua existência. Os inimigos querem arrebatam o que é dos outros; os nossos amigos pretendem unicamente que o assalto á mão armada, a expoliação pela força, não fiquem tidos pelo mundo como actos toleraveis.

Um filósofo chamado Nietzsche disse: «Que se importa o viandante com as folhas sêcas que ao passar lhe estalam debaixo dos pés?»...

Isto para os alemães significa: Que nos importam os gemidos dos feridos, os arrancos dos moribundos, as lagrimas das violadas, a exaustão dos perseguidos, dos deportados? Que nos importa a fome, a miséria, as lacerações?

O necessário é que o viandante passe e chegue aos seus fins. E os fins da guerra para êles são—mais terras e mais riquezas!

Porque é que a Alemanha quis a guerra

O império alemão chegara ao seu máximo de armamento. Se não se lançasse numa aventura de guerra, no assalto, no roubo aos vizinhos, a sua decadência militar viria depressa; o seu parlamento em breve lhe recusaria aquelas somas de dinheiro cada vez maiores, para o exército e para a marinha. Pelo aperfeiçoamento admi-

ravel de suas indústrias, e desenvolvimento do seu comércio, a burguesia aumentava dia a dia de poder e no partido socialista, ainda retraído sob a vontade imperial, já uma ou outra voz se erguera contra as exorbitantes despesas feitas com os armamentos. O Kaiser via crescer as classes pacíficas que um dia teriam poderio e riqueza suficientes para lhe estorvarem o seu plano de engrandecimento militar, não votando mais as verbas destinadas á sustentação da sua máquina de guerra.

“Ou agora ou nunca mais,” pensava o *Kronprinz*, o herdeiro do Kaiser. De facto os operários, os industriais, os comerciantes, espalhados por todo o mundo, acabariam por se impôr, quando a cegueira da guerra, o sonho de grandeza, o espírito de cubiça, promovidos por todas as formas, desde o banco da escola até ao livro escrito pelos mais doutos, viessem a cansar na longa expectativa de 44 anos.

Só anexando territórios, alargando os seus domínios em Africa, cobrando colossais indemnisações, só com ouro, muito ouro e terras, as espadas dos marechais continuariam a sua supremacia. A guerra era pois necessária ao partido militar, á Alemanha armada, e portanto ao Kaiser, seu chefe supremo. Sem ela, sem a conquista, sem a vitória, a onda crescente da burguezia, cada vez mais impetuosa e rica, passaria por cima do seu poder militar.

Se, porém, a conquista, a vitória, as anexações as indemnisações não aparecerem, como é de crer que aconteça, a hora futura do

ajuste de contas será bem confusa. O partido socialista com o povo dizimado, os operários mortos nas trincheiras, os industriais arruinados e os comerciantes falidos, terá ou não mais fôrça do que os exércitos vencidos?

Só então se verá, se chegarmos a assistir á arrumação da Alemanha depois da guerra. Até lá tudo se pode supôr, desde o desmembramento dos estados que estão encorporados no império, até á aparição dum movimento social como o da Rússia.

Seja como fôr, devemos concordar que a ocasião podia afigurar-se-lhes bem própria. Preparados como estavam, nada fazia prever que o heroismo da Bélgica pudesse detê-los. O Kaiser entrou pois com probabilidade numa aventura que falhou, mas que, como êle a vira no comêço da guerra, era preferível ao lento agonisar do seu imperialismo, nas mãos dos socialistas com que já se obrigava a contemporisar.

Como os alemães minavam os outros povos

Os aliados porêm é que, nada tendo com as correntes internas de opinião na Alemanha, lhe estão sofrendo as consequencias. A obra de militarisação e de autoritarismo no império não era acompanhada cá fóra sómente pelo serviço de espionagem. Havia falsos escritores e falsos propagandistas alemães que escreviam e espalhavam idéas anarquistas na França, na Inglaterra,

na Rússia, na Espanha e até em Portugal. Anarquismo e dinamitismo como dissolvente para os povos não alemães, como preparação cavilósa do mal estar das outras nações, e êles impetráveis a essas idéas.

Quantas publicações espalhadas por êles na França chegaram até nós! Tudo quanto fosse promover, fomentar, o descontentamento nas classes trabalhadoras, incutir-lhe o espirito de rebeldia, insinuando movimentos de reivindicações, animando as grêves, tinha para a perfidia teutónica não só a vantagem immediata de concorrer para o abaixamento das produções das fábricas não alemãs, como tambem produzia um estado de decomposição social, que muito lhes havia de aproveitar, quando de repente as carretas da sua artilharia começassem a rodar para as fronteiras.

Em Lisboa, morreu vitimado pela explosão de uma bomba de dinamite, quando procedia ao seu fabrico, o professor dos liceus Dr. Gonçalves Lopes. Apreendidos os seus papeis pela policia, viu-se que a sua correspondência com a Alemanha era toda sobre explosivos e que os folhetos e outras publicações alemãs sobre anarquismo abundavam no espólio.

Na Alemanha tudo se fazia calculadamente e com premeditação para lançar a desordem no seio das outras nacionalidades; e lembrar-se a gente que qualquer estrangeiro, ao chegar a Berlim, tinha de ir durante uma semana á policia, até esta se certificar de que não se tratava de personagem suspeita de anarquismo!

O movimento das classes trabalhadoras que agora se pretende, é sugerido pela Alemanha.

A reunião dos socialistas em Stockolmo, as tentativas de igual teôr junto dos soldados e operários russos, são maquinações da mesma natureza daquelas com que se diligenciou enfraquecer os aliados antes da guerra, usadas agora para obter uma paz vantajosa.

Mas a Inglaterra conhece a mão oculta que suscitou o movimento e não se deixará embair. De aí o tremendo ódio á nossa aliada.

Mas não foi preciso que em Portugal se soubessem estas cousas, para que o paiz vibrasse unísono a favôr dos aliados. As crueldades dos alemães e a viva simpatia pelas vítimas desse tratamento trágico infligido a belgas e armênios, seriam bastante para irritar a alma portugûesa.

Parece que o espírito que anima as nossas tropas ao partirem para a França ou para a Africa, a caminho do combate com os alemães, vai cheio de confiança na punição dos malfeitores. Doutro modo se não explica a satisfação com que as almas bondosas de tantos portugûeses, teitos soldados, largam da pátria, para o cumprimento da sua missão arriscada.

Portugal empobrecido, um país pequeno e fraco, de 6 milhões de habitantes, longe do teatro da guerra, sem actos directos de agressão ao seu território ou ás vidas do seu povo continental, aprestou-se e entrou na luta, sómente levado

pelo cavalheirismo da raça. Sem ouvirem o zunir de uma granada, sem verem os Zepelins voar sobre as suas cabeças, sem nenhum desses estímulos que alvoroçam o sangue e acirram os espíritos, os portuguezes, homens de honra e de palavra, partem radiantes, como só as pessoas de bem podem seguir para o cumprimento do dever. Temos duas divisões na França; temos algumas dezenas de milhares de homens nas Africas. Cem mil portuguezes que vão ao encontro dos alemães, custando aos que ficam bem dolorosos sacrifícios! A despêsa da guerra vai nos deixar em gravíssimos apuros. As gerações que nos sucederem terão muito que trabalhar para repararem o despêndio de agora; mas os portuguezes de ámanhã, as crianças de hoje, como legítimos representantes do povo honesto donde veem, com certeza que não amaldiçoarão os pais por lhes legarem os pesados encargos, que resultarem dos atuais gastos com a guerra.

Em troca receberão a Patria nobilitada, com todas as vantagens do resurgimento do seu bom nome.

OBRAS DO MESMO AUTOR

UMBRANO.

TEMPO PERDIDO.

SENHOR, NÃO!

AO POVO DE LISBOA.

CONTOS DA INDIA.

CARTA AOS PORTUGUÊSES DA INDIA.

PERFÍS DOS MINISTROS.

TALES OF INDIA (em inglês)

GRANT-IN-AID (em inglês)

PARA BREVE

A INGLATERRA E A GUERRA (em inglês,
para ser distribuida pelas escolas
de Inglaterra).